

ISABEL ALMEIDA SANTOS

Variação Linguística em Espaço Rural

A vogal [ü] numa comunidade
do Baixo Mondego

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Lisboa

2003

ÍNDICE GERAL

Nota de apresentação, <i>por</i> CLARINDA DE AZEVEDO MAIA	9
PREFÁCIO	11
Esclarecimentos prévios	15

PARTE I

DIMENSÕES E ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Capítulo I

O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA (CONTRIBUTOS PARA O ESCLARECIMENTO DA MUDANÇA)

1. Enquadramento disciplinar: dialectologia e sociolinguística	19
1.1. O estudo da variação linguística	22
1.1.1. A variação diatópica e a dialectologia; contributos para a linguística histórica	22
1.1.2. A variação diastrática e a sociolinguística; o esclarecimento do meca- nismo da mudança	29
1.2. Dialectologia e sociolinguística: convergências e dissimilaridades	35
1.3. Conclusões	40
2. Sociolinguística rural	45
2.1. A inovação no estudo dos espaços rurais	45
3. O modelo dos <i>social networks</i>	57

Capítulo II

A ORGANIZAÇÃO LINGUÍSTICA E AS ESTRUTURAS SOCIOECONÓMICAS

1. Os espaços urbanos e os espaços rurais: fisionomia linguística	69
2. O binómio cidade/campo: a especificidade do espaço rural.....	74
2.1. A sociedade rural tradicional e as tendências actuais	74
2.2. A especificidade do espaço rural contemporâneo. O caso português	80

PARTE II

ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DE UMA COMUNIDADE RURAL: A OCORRÊNCIA DA VOGAL MISTA [Û] NUMA LOCALIDADE DO BAIXO MONDEGO

Capítulo I

ALGUNS FENÓMENOS DE PALATALIZAÇÃO VOCÁLICA NA ROMÂNIA

1. Introdução	85
2. A vogal mista [ü] no âmbito das línguas românicas	87
3. A palatalização de Ū latino no domínio galo-românico	93
3.1. Outro fenómeno de palatalização vocálica: a inflexão de /a/ latino	98
4. Alterações vocálicas no italo-românico	101
5. O reto-friulano	107
6. Algumas evoluções «anómalas» na fonética histórica hispânica	109
6.1. O sistema vocálico português	109
6.2. A inflexão A > E	112
6.3. A ocorrência de vogais mistas	116
6.4. Fenómenos de palatalização vocálica no distrito de Coimbra	121

Capítulo II

A COMUNIDADE EM ESTUDO E A RECOLHA DOS MATERIAIS

1. O local de trabalho	125
1.1. A unidade abrangente: a freguesia de Ameal	125
1.2. Vila Pouca do Campo	130
2. A recolha dos materiais	136
2.1. O inquérito: estrutura e objectivos	136
2.2. O contacto com a comunidade	149
2.3. A amostra	152

Capítulo III

ALGUMAS PARTICULARIDADES DIALECTAIS E A CONSCIÊNCIA DA ESTRATIFICAÇÃO LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE

1. Introdução	163
2. Algumas particularidades do falar da freguesia de Ameal. O lugar de Vila Pouca do Campo	164
2.1. Alguns aspectos fonético-fonológicos	165
2.1.1. A neutralização da oposição B/V	165
2.1.1.1. A neutralização da oposição B/V no exercício de leitura	171
2.1.1.2. Os casos de hipercorreção	174
2.1.2. A africada pré-palatal [ç]	178
2.1.3. A africada pré-palatal [ç] e a neutralização da oposição B/V: vitalidade e distribuição	182
2.1.4. O sistema vocálico	183
2.1.5. Outras particularidades	185
2.2. Morfo-sintaxe	186
3. As atitudes dos falantes face à sua variedade idiomática (os resultados do questionário III)	187
3.1. A consciência linguística dos falantes	187
3.2. A heterogeneidade linguística do grupo	190

Capítulo IV

O FUNCIONAMENTO E A DISTRIBUIÇÃO INTERNA (SOCIOLINGUÍSTICA) DA VOGAL MISTA [Û]

1. A variável seleccionada: o fenómeno de palatalização de [u] e o tratamento do material	193
2. A actuação dos factores sociológicos	197
3. A variação diafásica do fenómeno de palatalização de [u]	203
4. As redes sociais dos inquiridos	214
5. A natureza espectral das variantes	221
6. A determinação linguística (contextual) do fenómeno e a sua origem histórica: o estatuto fonológico de [ü]	225
7. Conclusão: algumas observações	232
Bibliografia	237
Índices	247

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Foram os espaços rurais intensamente explorados no âmbito da Dialectologia que tradicionalmente se ocupou do estudo específico e comparativo das variedades locais e regionais. A investigação realizada em Portugal traduziu-se sobretudo na elaboração de numerosas monografias dialectais ou de estudos resultantes da aplicação da metodologia da Geografia Linguística que, através do registo em mapas das formas linguísticas (fónicas, gramaticais e lexicais) recolhidas através de inquéritos *in loco* numa rede de pontos de um espaço previamente estabelecido, permitiu conhecer a distribuição geográfica de determinados factos linguísticos e, através dela, formular explicações de grande alcance para a história da língua.

A presente obra, inicialmente apresentada como tese de Mestrado em Linguística Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, analisa também uma comunidade rural, a povoação de Vila Pouca do Campo, na região do Baixo Mondego, mas procura descrever, nesse espaço, o funcionamento e a distribuição sociolinguística da vogal mista [ü], com base na aplicação dos princípios da Sociolinguística variacionista, de raiz laboviana, complementando a investigação com a aplicação de outra matriz metodológica que privilegia os contactos comunicativos que mantêm os diferentes grupos sociais no interior da comunidade de fala, o modelo das redes sociais.

Mas o trabalho não oferece apenas a descrição da estrutura sociolinguística da comunidade de fala rural estudada, o que representaria, em si mesmo, uma importante aportação, uma vez que são muito escassos os estudos variacionistas sobre a língua portuguesa. Centrado no problema teórico da variação linguística e no seu contributo para o esclarecimento da mudança, o trabalho oferece uma reflexão sobre a delimitação do objecto da Sociolinguística, ao

mesmo tempo que se debruça sobre o aparecimento da Sociolinguística rural no contexto da reformulação teórica e metodológica que levou à constituição daquela disciplina. Além de se pôr em relevo a inovação que com a Sociolinguística rural é introduzida no estudo dos espaços rurais, fazem-se algumas considerações sobre a oposição entre formas de vida urbanas e rurais, salientando-se a especificidade da cidade e do campo, tanto sob o ponto de vista sociológico como no que diz respeito à respectiva fisionomia linguística.

Outros caminhos foram percorridos pela Autora, ao fazer incursões pela Linguística Românica (a propósito de alguns fenómenos de palatalização linguística na România), pela História da Língua (ao equacionar a origem histórica da palatalização de [u] registada na localidade em estudo, em articulação com a sua determinação contextual e com o estabelecimento do estatuto fonológico de [ü]) e pela Fonética Acústica (ao proceder à análise espectral de alguns tipos fonéticos recolhidos, com o fim de facilitar a identificação e individualização das diferentes variantes).

Pela reflexão teórico-metodológica empreendida, pela análise minuciosa e rigorosa de uma comunidade de fala rural, pela exigente informação bibliográfica, o trabalho *Variação linguística em espaço rural: a vogal [ü] numa comunidade do Baixo Mondego* representa uma contribuição sólida e com novidade nos estudos sobre a variação da língua portuguesa.

Coimbra, 8 de Outubro de 2003.

CLARINDA DE AZEVEDO MAIA

PREFÁCIO

Averiguar qual o tipo de distribuição interna de [ü] no seio de uma localidade rural coloca-nos face a um fenómeno (palatalização de [u]) e a tipos fonético-fonológicos cujo esclarecimento obriga à incursão por diferenciadas áreas de investigação: além da Sociolinguística, a Dialectologia, a Linguística Românica, a História da Língua e a Fonética Acústica são algumas das directamente implicadas. Parte das limitações deste tipo de análise decorre, exactamente, das dimensões muito amplas que assume a explicação circunstanciada do fenómeno em investigação. Optando por colocar, no centro dos nossos interesses, o problema teórico da variação linguística, destacamos as questões que com ele se relacionam e, assim, tratamos a palatalização de [u] como uma variável linguística que, definida dialectalmente, apresenta uma distribuição vertical muito clara; privilegiamos, deste modo, a sua dinâmica sincrónica no interior de uma comunidade de fronteiras definidas e numa área que, globalmente, sabemos ser marcada: o distrito de Coimbra. Embora o aparecimento da vogal mista [ü] em Portugal tenha chamado a atenção dos estudiosos desde Leite de Vasconcelos, nunca, na explicitação dos pontos marcados, se incluíra a freguesia de Ameal (mais concretamente, uma das suas povoações, Vila Pouca do Campo); no entanto, a expressividade com que o fenómeno aí se detectou foi determinante na definição desta localidade como o local onde se desenvolveria o trabalho de análise sociolinguística que nos propúnhamos.

A transformação de um traço de natureza dialectal em variável sociolinguística, chamando a atenção para o facto de aquele incorporar, simulta-

neamente, a dimensão vertical da variabilidade idiomática, obriga-nos ao equacionamento de duas questões: que relações se estabelecem entre a dialectologia e a sociolinguística? Como se delimitam reciprocamente estas duas disciplinas? Analisando com algum cuidado os parâmetros definitórios de cada uma, chegamos então à conclusão de que, para lá das dissimilitudes, as convergências detectadas se orientam no sentido do esclarecimento mais profundo dos fenómenos da variação e mudança linguísticas. A inovação que, para o estudo dos espaços campestres, representa a sociolinguística rural é uma prova evidente dessa potencialidade.

Por outro lado, é preciso ter presente que a análise de uma comunidade linguística não pode ser feita independentemente das suas coordenadas geográficas, humanas e socioeconómicas: se esta dependência já era considerada nas descrições dialectológicas tradicionais, o conhecimento aprofundado do núcleo de investigação continua, na sociolinguística, a funcionar como um pressuposto metodológico. No que se refere às comunidades rurais, é ainda necessário ter presente que parte da sua especificidade só é esclarecida num complexo muito vasto de relações representado pelo binómio cidade/campo, também objecto da nossa atenção.

Se, actualmente, não se questiona a legitimidade teórica da sociolinguística, a definição dos seus processos formais de abordagem ao objecto de estudo só tem que se enriquecer pela dinâmica crítica. Assim, a análise vertical propriamente dita inicia-se com o esclarecimento de uma questão fundamental: que opção metodológica efectuar? Para a sociedade rural ocidental, e desde que com a necessária ponderação dos factores sociológicos verdadeiramente actuantes no seu interior, pode transpor-se o quadro de procedimentos introduzidos e aperfeiçoados por Labov e a que, globalmente, se chama «sociolinguística variacionista». Estabelecem-se, desse modo, relações directas e inequívocas entre variáveis linguísticas e factores sociológicos, esclarecendo-se de que modo estes regulamentam aquelas. Com esse objectivo, determinámos o perfil sociológico dos nossos informadores em função dos parâmetros sexo, idade, instrução e ocupação e estabelecemos entre estes e diferentes níveis de ocorrência do fenómeno em análise as correlações matemáticas possíveis. Dada a especificidade cultural e sociológica dos ambientes rurais, o contacto com a comunidade, embora orientado para o estudo de determinada particularidade linguística, permitiu recolher informações paralelas igualmente interessantes: é, por isso, possível esboçar uma descrição dialectal dos traços mais carac-

terísticos e complementá-la com algumas referências à respectiva situação sociolinguística, já que só assim se pode ajuizar da sua expressividade e vitalidade.

Embora a análise linear dos resultados revele uma estratificação organizada dos referidos níveis, tornou-se também claro que só a interpenetração de variáveis sociológicas explica a heterogeneidade de determinados grupos e que os factores sexo, idade e educação evoluem em direcções paralelas no nosso espaço rural. Decidimos, então, complementar a análise variacionista que começámos por efectuar com uma aplicação do modelo de redes sociais, cujos pressupostos básicos são sumariamente apresentados no capítulo dedicado à contextualização teórico-metodológica. Foi-nos, por esse meio, possível comprovar a existência de uma relação muito directa entre a expressividade do fenómeno e o grau individual de integração na rede local.

À variação diastrática, estruturada em função da complexidade sociológica das comunidades, corresponde, no plano individual, a variação diafásica. O seu estudo é um dos problemas mais delicados que se colocam ao investigador em sociolinguística, já que dificilmente se pode ter a certeza de controlar os mecanismos de variação estilística do inquirido. A diversificação formal das entrevistas e dos tópicos de estímulo ao depoimento linguístico é uma das estratégias a que normalmente se recorre e é essa técnica que nos permite algumas considerações, não só sobre a variabilidade do fenómeno, como também sobre as relações entre a natureza do exercício proposto e a variável em estudo.

A vogal palatal mista [ü] é um tipo vocálico estranho aos nossos hábitos articulatórios e do qual, num primeiro contacto, se retém sobretudo a afinidade com a vogal francesa (daí uma breve análise de alguns aspectos do vocalismo das línguas românicas onde ocorrem fenómenos de palatalização com resoluções semelhantes às registadas em território português). No entanto, uma observação atenta do material recolhido mostra-nos que a realidade fonética que envolve o fenómeno de palatalização de [u] é bem mais complexa: de facto, o alofone padrão [u] convive não só com [ü], mas com outros timbres, intermédios, de mais difícil definição, num continuum de avanço articulatorio.

Relacionada com esta dimensão do funcionamento do fenómeno, surge a da sua determinação linguística (contextual) e histórica; a investigação, em qualquer uma dessas duas áreas, revela-nos que, embora determinada conju-

gação de factores pareça ser mais favorável ao desencadeamento do fenómeno que outras, [u] é, nesta comunidade, passível de avanço articulatorio em, praticamente, qualquer condição contextual e etimológica. Este aspecto não pode deixar de ser conjugado com o facto de, no sistema vocálico local, a palatalização da vogal posterior fechada não implicar reformulações do sistema; apesar de aí introduzir uma expressiva alteração de timbre, essa propriedade física não sustenta qualquer tipo de oposição fonológica entre a vogal palatalizada e outra entidade fechada e labializada. Em termos sincrónicos, [ü] aparece, assim, como uma das variantes de realização que o fonema fechado labializado admite naquela variedade idiomática.

Quero aqui manifestar o meu profundo agradecimento à Professora Doutora Clarinda de Azevedo Maia, primeiro pelo seu trabalho como orientadora da dissertação de mestrado que está na base deste texto e, depois, pelo empenho estimulante que colocou na sua publicação. Expresso igualmente o meu reconhecimento ao Professor Doutor Ivo Castro, que, na sua qualidade de responsável pela colecção onde esta obra é editada, lhe dispensou uma atenção que modestamente agradeço. Não esqueço, ainda, colegas e amigos, a quem agradeço ajuda e apoio: uma referência especial para a solidariedade amiga das Professoras Doutoradas Maria José de Moura Santos e Ana Cristina Macário Lopes e para a contribuição técnica fundamental dos Professores Doutores Eduardo Sá Marta e Fernando Perdigão; um «obrigada» ainda para o Nuno e uma especial palavra de reconhecimento para os informadores de Vila Pouca do Campo. Acresce referir que o trabalho académico em causa se desenvolveu igualmente no quadro institucional do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada.*

* O texto aqui publicado resulta da reformulação da dissertação de mestrado em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1994 e intitulada «Análise Sociolinguística de Fenómenos Dialectais. A Vogal Mista Ü numa Localidade do Baixo Mondego».